

**AFETIVIDADE EM SALA DE AULA E SUA RELEVÂNCIA NO
DESENVOLVIMENTO COGNITIVO DE ALUNOS ENTRE 5 E 7 ANOS DE IDADE**

**CLASSROOM AFFECTIVENESS AND ITS RELEVANCE ON COGNITIVE
DEVELOPMENT OF STUDENTS BETWEEN 5 AND 7 YEARS OLD**

**EFFECTIVIDAD EN EL AULA Y SU RELEVANCIA EN EL DESARROLLO
COGNITIVO DE ESTUDIANTES ENTRE 5 Y 7 AÑOS**

Ester Oliveira Costa

teumoraes@gmail.com

Especialista em Desenvolvimento Infantil (UNIVASF)

Colégio Motivo Petrolina/PE

Roberto Remígio Florêncio

betoremigio@yahoo.com.br

Mestre em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos (UNEB)

Instituto Federal de Educação Sertão Pernambucano

Marcleide Sá Miranda Oliviera

marcleide.sa@hotmail.com

Mestre em Gestão e Avaliação da Educação Pública (UFJF)

Secretaria Municipal de Educação – Petrolina/PE

RESUMO

O presente artigo trata sobre a afetividade em sala de aula e sua relevância no desenvolvimento cognitivo de alunos entre cinco e sete anos de idade. O texto busca conceituar e pontuar a influência do afeto na aprendizagem de crianças nessa faixa etária, propondo uma reflexão sobre o papel do professor na construção socioafetiva do educando. Diante disso, realiza-se uma revisão literária, elencando o que há de mais atual sobre a temática, tendo em vista que o tema afetividade ainda é pouco debatido nos espaços educativos. Baseado nos teóricos Wallon (1995) e Morin (2003), o artigo busca ainda contribuir para o enriquecimento das práticas pedagógicas, possibilitando a discussão a respeito desse aspecto, com a finalidade de elucidar o saber docente, considerando o indivíduo em sua integralidade e, em caráter conclusivo, foi observada a importância da relação professor-aluno, observada de afeto e atenção, para a plena fluidez da aprendizagem.

Palavras-chave: Afetividade. Cognição. Educação. Professor. Formação continuada.

ABSTRACT

This article deals with the affectivity in the classroom and its relevance in the cognitive development of students between five and seven years of age. The text seeks to conceptualize and punctuate the influence of affection in the learning of children in this age group, proposing a reflection on the role of the teacher in the socio-affective construction of the learner. Therefore, a literary review is carried out, listing the most current on the theme, given that the theme of affectivity is still little debated in educational spaces. With base in theories of Wallon (1995) and Morin (2003), the article also seeks to contribute to the enrichment of pedagogical practices, allowing the discussion about this aspect, with the purpose of elucidating the teaching knowledge, considering the individual in its entirety and, in a conclusive way, the importance of the teacher-student relationship was observed, observed of affection and attention, for the full fluidity of learning.

Keywords: Affectivity. Cognition. Education. Teacher. Continuing education.

RESUMEN

Este artículo aborda la afectividad en el aula y su relevancia en el desarrollo cognitivo de los estudiantes de entre cinco y siete años. El texto busca conceptualizar y calificar la influencia del afecto en el aprendizaje de los niños en este grupo de edad, proponiendo una reflexión sobre el papel del maestro en la construcción socio-afectiva del alumno. Ante esto, se realiza una revisión literaria, enumerando los más actuales sobre el tema, considerando que el tema de la afectividad aún es poco debatido en los espacios educativos. Basado en los teóricos Wallon (1995) y Morin (2003), el artículo también busca contribuir al enriquecimiento de las prácticas pedagógicas, permitiendo la discusión sobre este aspecto, a fin de dilucidar el conocimiento de la enseñanza, considerando al individuo en su totalidad y, En conclusión, la importancia de la relación profesor-alumno, observada con afecto y atención, se observó para la fluidez total del aprendizaje.

Palabras clave: afectividad. Cognición Educación. Profesor Educación continua.

INTRODUÇÃO

Em termos gerais, professores sentem-se desafiados e motivados a oferecer o melhor para os meus alunos, de maneira a facilitar/mediar/conduzir o processo de aprendizagem. Faz parte da relevância sócio-profissional deste estudo, as reflexões pessoais sobre as questões da subjetividade que pareciam interromper a fluidez do processo de ensino-aprendizagem em sala de aula, como a necessidade diária de contratos entre professores e alunos em relação à atenção e manutenção emocional dos sujeitos em sala de aula. Tanto professores como alunos apresentam distúrbios em relação à afetividade nos ambientes de ensino, o que gera incidentes de desrespeito, indisciplina e problemas de aprendizagem, o que será discutido neste estudo. Principalmente, como citado por Sant'Ana e Cebulski (2010), quando demonstram que se faz urgente uma profunda discussão sobre uma nova educação, que alinhe afetividade e cognição.

Pede-se que a consciência do leitor proceda a uma análise dos argumentos e reflita sobre a talvez importante contribuição ao pensamento humano que seriam estudos enveredados à pesquisa de uma nova educação, que buscasse “juntar os cacos” causados pela quebra da coesão entre a “afetividade” e a cognição, que as perspectivas basicamente racionalistas incrustaram na vida humana (SANT'ANA; CEBULSKI, 2010, p. 121).

Cognição e afetividade nunca estiveram tão presentes na discussão sobre essa nova educação que se desvenda a partir dos estudos de Morin (1978; 2003), mas é ainda uma dualidade difícil de ser compreendida pelos profissionais que exercem de maneira aligeirada seus compromissos educacionais. Esse dualismo¹ ainda se faz presente em espaços escolares e muitos professores continuam a dividir o aluno em duas metades, separando o cognitivo do afetivo. Diante dessa realidade, surge a questão que conduz as discussões aqui apresentadas: Como as

¹ Dualismo – termo aqui utilizado como “coexistência de sensações, crenças, posições contraditórias em situações, indivíduos etc” (Dicionário Houaiss da língua portuguesa 2009, São Paulo, Editora Objetiva).

ações do professor podem potencializar o aluno, de forma apropriada, para construir um campo afetivo favorável à sua aprendizagem? Para responder a essa questão é necessário o docente se reconhecer nesse novo papel e perceber-se como agente transformador e fundamental nessa desconstrução. Por tanto, se faz necessário uma quebra de paradigmas, para que as crenças limitantes que perpetuam uma prática pedagógica sem sentido e eficácia, sejam abolidas.

Foi apenas a partir da década de 1970 que alguns estudos acerca da afetividade começaram a surgir, encontrando ainda muita resistência em relacionar a afetividade com o desenvolvimento cognitivo. Partindo do pressuposto de que até o momento atual da educação, a construção do campo afetivo não tem sido vista como prioridade e recurso facilitador da aprendizagem do aluno e tendo em vista as ocorrências negativas relatadas no meio educacional, terem como pano de fundo o referencial afetivo, responsabilizando sempre a família, fica claro que, os resultados em insistir com o dualismo não tem sido satisfatórios, o que aponta uma necessidade urgente em investir no aluno como ser integral, nos aspectos afetivo, cognitivo e motor.

Ao pensar no indivíduo como ser integral, o desafio da educação é desconstruir os modelos cruéis de opressão e domínio, dando espaço à construção de um novo olhar sobre o aluno, pensando em propostas que trabalhem a individualidade, a diversidade, a subjetividade, autonomia, protagonismo e relações interpessoais, fortalecendo o educando como um ser total.

METODOLOGIA

Durante a pesquisa, foram selecionados artigos, entre os anos de 2004 a 2016, que abordam de maneira específica o tema em questão e que trouxeram contribuições importantes para alcançar o objetivo proposto. Aqui, são apresentados alguns conceitos de afetividade, estágios, características e funcionamento. É uma análise de como ocorre o desenvolvimento da afetividade na infância, destacando os principais pontos. Foi empregado o método de pesquisa descritiva com a finalidade

de analisar artigos científicos sobre o tema em questão, a partir de uma revisão de literatura, contemplando as teorias dos principais autores da área.

O objetivo principal proposto é o de conceituar e pontuar a influência do afeto na aprendizagem de crianças entre cinco (5) e sete (7) anos. Por isso, é importante analisar a relação entre os aspectos afetivos e cognitivos no desenvolvimento de crianças dessa faixa etária. Para isso, a pesquisa está fundamentada em estudos de autores que abordem afetividade e cognição e a relação entre professor e aluno, tendo como base de leitura, fontes secundárias, através de artigos científicos, pesquisados no site Scielo.org, publicados entre os anos de 2014 a 2019, usando como critério de inclusão: os últimos cinco anos, orientados pelos programas de pós-graduação; e as palavras-chave *afetividade, formação de professores e cognição*.

Dentre os materiais selecionados para estudo, encontra-se ênfase no artigo dos autores Tassoni e Leite (2013), que apresenta uma pesquisa de campo, com dados a respeito da vivência entre alunos e professores, detalhando os efeitos dessa relação. Partindo das considerações expostas pelos autores, o trabalho, de caráter qualitativo e analítico, analisa a veracidade da hipótese inicial, ponderando os diferentes pontos de vista discutidos.

EMBASAMENTO: O QUE É AFETIVIDADE?

Na literatura, podemos analisar vários conceitos com ideias muito semelhantes a respeito do significado da palavra afetividade.

Iniciaremos pela abordagem de Henri Wallon [...] para este autor, a emoção organiza a vida psíquica inicial e antecede as primeiras construções cognitivas. A gênese da cognição está, pois, para Wallon, nas primeiras emoções, as quais, por sua vez, estão diretamente ligadas ao desenvolvimento do tônus (aspecto orgânico) (SOUZA, 2009, p. 250).

Assim sendo, para o autor citado acima, a afetividade é a fase mais primitiva do desenvolvimento humano, vindo antes do cognitivo, é a partir dela que ocorre a

preparação da vida psíquica, e daí em diante se institui uma alternância de domínio entre afetividade e cognição. Autores dos artigos pesquisados consideram a afetividade de forma bastante similar Loos-Sant'Ana e Barbosa (2016) definem afetividade como a suscetibilidade de ser afetado pelos fatores externos e internos decorrentes das relações interpessoais.

A semelhança das definições de ambos os autores é claramente amparada na teoria de Wallon, os conceitos analisados convergem para o mesmo sentido da palavra, que é tão sabiamente elucidada pelo teórico, quando diz que a afetividade é a capacidade humana de ser afetado por fatores internos ou externos de maneira negativa ou positiva. Para a criança de 5 a 7 anos de idade, as relações que se iniciam no lar, se estendem nas relações escolares tanto com os seus pares quanto com os professores. Fora do convívio familiar, as crianças dessa faixa-etária vivenciam diariamente novas experiências, desafios, e conflitos, podendo estas serem positivas ou negativas, tendo em vista que a afetividade desenvolvida no âmbito familiar influencia diretamente no comportamento da criança refletindo nas relações interpessoais.

A INFLUÊNCIA DA AFETIVIDADE NO DESENVOLVIMENTO COGNITIVO DE CRIANÇAS DE 5 A 7 ANOS

O termo cognitivo está relacionado aos processos de obtenção do conhecimento e diz respeito a múltiplos fatores que abrangem a linguagem, raciocínio, memória, atenção, percepção, dentre outros. Esses elementos são responsáveis pelo comportamento do indivíduo e seu desenvolvimento intelectual.

O desenvolvimento dos aspectos cognitivo, afetivo e motor são comuns a todos os indivíduos e tem o seu início desde o nascimento. Dependendo da fase vivenciada, os aspectos cognitivo e afetivo predominam um sobre o outro, ocorrendo um período de prevalência, nesse movimento os três aspectos se fortalecem entre si, ainda que motor não esteja inserido na alternância de domínio com os demais.

Assim, com base na teoria walloniana, Tassoni e Leite (2013) apresentam o princípio da alternância e preponderância funcionais, quando mencionam o movimento centrípeto e a força centrífuga. O primeiro aponta para o momento quando a afetividade predomina sobre o cognitivo e o indivíduo está concentrado na construção do eu e o segundo quando a cognição domina, é um movimento externo, para a leitura do mundo e das coisas. Apesar de exercer um papel essencial no desenvolvimento do ser humano, a dimensão motora não assume dominância em nenhuma fase. No processo de alternância e preponderância, os campos funcionais são favorecidos com os progressos do outro que está em domínio.

Os autores Loos-Sant'Ana e Gasparim (2013) também citam em seu artigo os estágios sugeridos por Wallon (1995) designados como: impulsivo-emocional; sensório motor; projetivo; personalismo; categorial; puberdade-adolescência; e adulto. Defendendo a ideia do princípio da alternância funcional, postulado pelo próprio teórico para explicar o motivo pelo qual a inteligência e a afetividade se revezam durante os estágios. O conjunto funcional prevalece de acordo com o estágio vivenciado pelo indivíduo.

O período de formação da personalidade, denominado como personalismo, definido pela teoria walloniana, compreende a faixa-etária de três (3) a seis (6) anos. Nessa fase o desenvolvimento cognitivo é bastante veloz, pois a criança absorve as informações ao seu redor com fluidez, curiosidade e entusiasmo. Porém o seu empenho está direcionado ao contato com o meio, nas relações sociais e interação entre pares e adultos, e é nesse processo que se constrói a autoafirmação, tendo o outro como referência, vivenciando as situações de sedução, oposição e imitação que são indispensáveis para a composição do eu psíquico. O comportamento de oposição ao adulto, geralmente muito comuns em crianças nessa fase, nada mais é do que a procura pela autonomia. Como afirmado por Sant'ana e Gasparim (2013, p. 204):

As crises de oposição ao adulto, buscando a independência progressiva do eu, ajudam a criança a se fortalecer como indivíduo que busca autonomia. A criança quer fazer prevalecer suas vontades

e, por isso, é, muitas vezes, desobediente, fazendo o contrário do que os adultos impõem

Apesar dessa busca pela independência, a criança necessita ainda de referências, modelos de imitação que contribuam para a formação e fortalecimento da sua identidade. Inicialmente os pais ou cuidadores são as primeiras referências, em seguida surgem outros modelos comuns ao ambiente familiar, parentes próximos, amigos da família, primos, tios, avós, pessoas que educam e orientam o comportamento de maneira informal. Ao ingressar na escola, surge a figura do professor, que na convivência diária torna-se uma forte referência, sendo observado em todos os detalhes pela criança, desde a maneira como se veste, até a sua fala, gestos, comportamentos e ensinamentos, alvo de uma atenção direta, o professor é percebido e imitado em seus acertos ou falhas.

REFLEXÕES SOBRE O PAPEL DO PROFESSOR NA CONSTRUÇÃO DA AFETIVIDADE

O início da vida escolar é um marco na vida da família e especialmente da criança, há uma grande expectativa e ansiedade diante desse momento e de todas as vivências que ele poderá proporcionar. A escola se torna uma extensão do lar, onde se espera receber acolhimento e atenção e, ainda, para muitas, pode ser o lugar mais seguro de suas vidas (FLORÊNCIO, 2018). O espaço educacional é pensado para desenvolver os aspectos afetivo, cognitivo, motor e social do aluno, considerando-o como um ser integral. Dessa forma é natural que as emoções estejam presentes no ambiente escolar e não há como negá-las, pelo contrário, é necessário administrá-las.

Ao professor cabe o papel de gerenciar a afetividade em sala de aula e nesse desafio diário é essencial encontrar o equilíbrio na construção da relação com o aluno. A dose de afetividade não deve ultrapassar o limite da privacidade, da ética e do profissionalismo, é preciso que o professor tenha clareza da sua responsabilidade (FLORÊNCIO, 2018). A ele cabe ensinar, promover a autonomia do aluno e ajudá-lo

em suas dificuldades, é nessa dinâmica que a relação se estabelece. O excesso ou a falta da afetividade não geram resultados positivos. Professores não devem ser confundidos com pais ou tios, nem ao menos com pessoas estranhas, sem mínimo de interação. O equilíbrio da afetividade na relação entre professor e aluno, promove harmonia, bem-estar e aprendizado significativo para ambos.

Uma pesquisa desenvolvida em uma escola particular, numa cidade interiorana do estado de São Paulo, com o objetivo de analisar de que maneira os fatos ocorridos em sala de aula, especificamente as atitudes dos professores nas situações de ensino, comprometem a aprendizagem e a sua relação com o objeto de conhecimento, foi relevante para o percurso deste trabalho, pois acrescentou dados importantes aos estudos, a partir dos depoimentos dos alunos envolvidos.

Embasados em sua pesquisa, que discorre a respeito da influência dos aspectos afetivos na aprendizagem, Tassoni e Leite (2013), ouviram 51 crianças com a faixa etária entre 5 (cinco) e 17 (dezessete) anos aproximadamente e descreveram em seu artigo, os resultados colhidos, demonstrando que o interesse do professor em atender às necessidades dos alunos, produz emoções agradáveis e cooperam positivamente para o processo de aprendizagem.

Esse interesse pode ser concretizado através de ações pedagógicas simples, como: explicar de maneiras diferentes até que as dúvidas sejam sanadas, dar exemplos, dicas, mostrar formas diversas de fazer algo, explicar passo a passo, ensinar o aluno a estudar.

Um dos pontos destacados na pesquisa de Tassoni e Leite (2013) é a modulação da voz do professor, como um aspecto gerador de ansiedade ou tranquilidade. O tom de voz, o jeito de falar, a clareza, a forma como se refere ao aluno e as suas dificuldades, podem originar sentimentos diversos nos alunos e intervir tanto na aprendizagem quanto na relação com o objeto de conhecimento.

Outro fator exposto é a atividade significativa, quando o professor planeja aulas contextualizadas, que fazem sentido para o aluno, que revelam função social e utilizam recursos didáticos interessantes, geralmente o aluno se apropria com mais

facilidade do conhecimento, demonstra interesse e entusiasmo. Ou seja, esse cuidado do professor no planejar as aulas gera no aluno sentimentos positivos em relação a si próprio, pois possibilita uma aprendizagem de qualidade e consequentemente melhora no seu desempenho. Os autores Tassoni e Leite (2013, p. 265) afirmam que “os fenômenos afetivos estão relacionados aos motivos e necessidades tanto de alunos como de professores”.

A função da educação é desenvolver as competências dos alunos, acolhendo as suas necessidades. Quando o professor considera esses fatores, planeja a sua prática com a finalidade de possibilitar ao educando o desenvolvimento das suas aptidões.

Foi ressaltada ainda, a preocupação do professor com questões que vão além dos conteúdos ensinados. Por vezes essas preocupações são demonstradas através de gestos simples, como orientar os alunos a sentarem corretamente, ensinando-os que a postura correta contribui para um melhor desempenho, sugerir como podem cuidar melhor do seu material pessoal e auxiliar na mediação de conflitos entre alunos. Essas atitudes evidenciam atenção, cuidado e zelo, mostra que o professor está interessado no aluno, no seu bem-estar e no seu desempenho. Portanto naturalmente despertam sentimentos positivos que contribuem para melhor aprendizagem.

Um dado interessante observado na pesquisa realizada por Tassoni e Leite (2013), é a associação que o aluno constitui entre a pessoa do professor e suas práticas pedagógicas, mostrando que o laço afetivo com o professor interfere no gostar do objeto de conhecimento. Foi possível verificar também a importância da mediação do professor na realização das atividades propostas. A prática docente deve considerar as necessidades do aluno, contribuindo para que o mesmo seja o protagonista, abrindo espaço de fala e estimulando a autonomia do aluno, elevando a sua autoestima, ressaltando suas habilidades e auxiliando nas dificuldades. Negar isso ao aluno é estabelecer uma relação de indiferença, que automaticamente

desencadeia no aluno a falta de interesse em relação ao professor e ao objeto de conhecimento.

Quando o professor é de fato envolvido com a disciplina e demonstra prazer e satisfação no exercício docente, naturalmente ocorre o contágio emocional positivo, ou seja, o aluno é contagiado por essa relação afetiva do professor com o objeto de conhecimento e passa a demonstrar mais interesse pelo estudo. Crianças e adultos que convivem, estão em constante exposição a um contágio emocional. Tassoni e Leite (2013, p. 268) esclarecem que “na teoria walloniana o poder de contágio das emoções refere-se à tendência de propagação destas”. O movimento de contágio emocional ocorre naturalmente e é um evento facilmente observável nas classes de crianças de 5 a 7 anos. O envolvimento do professor com a aula, a maneira como o conteúdo é transmitido e o entusiasmo, desencadeiam o contágio de emoções positivas que motivam os alunos, como afirma Wallon (1995, p. 99):

A emoção tem a necessidade de suscitar reações similares ou recíprocas em outrem e, inversamente, tem sobre o outro uma grande força de contágio. É difícil ficar indiferente às suas manifestações, não se associar a elas através de arroubos de mesmo sentido, complementares ou mesmo antagônicos.

O contágio emocional pode ocorrer também quando as emoções são desagradáveis, isso pode ser percebido quando ocorrem situações inesperadas em sala de aula. Algumas vezes os alunos não sabem lidar com imprevistos, mudanças de rotina ou despedida de um coleguinha. Por vezes esses e outros eventos inesperados, geram algum tipo de comoção generalizada, como choro, medo ou desânimo coletivo.

Entre essas situações está a avaliação, sobretudo para alunos entre 5 e 7 anos que vivenciam essa experiência pela primeira vez. O medo do desconhecido e a autocobrança geram sentimentos de tensão e desconforto. Por isso é necessária uma atenção especial a esse momento. Não necessariamente tendo como ponto de partida a avaliação em si, mas o procedimento de correção. A avaliação deve ter

como propósito reorientar as intervenções do professor na sua prática diária. Uma avaliação punitiva gera tensão, medo, desânimo e distorce a percepção que o aluno tem de si, assim, no momento da avaliação esses sentimentos afetam o raciocínio e a ação dos alunos, resultando, portanto, em resultados negativos.

Os alunos que participaram da pesquisa destacaram alguns pontos em relação ao comportamento do professor, aos quais eles consideram importantes, como: paciência em explicar e repetir quando necessário, calma para lidar com o aluno e transmitir o conteúdo, senso de humor, descontração, atenção e carinho. Esses comportamentos por parte do professor possibilitam sentimento de bem-estar e segurança, tornando-o uma referência de sucesso para os alunos, como evidenciado por Tassoni e Leite (2013, p. 263), “Os alunos do último ano da Educação Infantil, ao falarem de sua professora, destacaram uma admiração que os levava a observá-la como modelo. Imitava-se o que a professora fazia para ser competente como ela”.

Ribeiro (2009) ressalta que, segundo Pereira (2007), a construção do conhecimento é o resultado da relação social, histórica e biológica, estabelecida no dia a dia, por isso é necessário um aprendizado para lidar com o aspecto afetivo, assim como lidamos com os de natureza cognitiva. Essa habilidade precisa ser desenvolvida e o professor tem um papel fundamental nesse processo, pois o espaço escolar é um ambiente propício para essa aprendizagem.

Ribeiro (2009) defende que os estudos realizados sobre as relações afetivas entre professor e aluno, apesar de apresentarem abordagens e análises diferentes, chegam ao mesmo resultado: a relação professor/aluno, quando estabelecida sem afetividade, é a principal responsável pelas dificuldades de aprendizagem dos alunos.

Loos-Sant’Ana e Gasparim (2013) alertam para a necessidade de o professor conhecer os estágios do desenvolvimento humano propostos por Wallon (1995) e suas características. Esse conhecimento dará ao educador a compreensão da fase específica pela qual o aluno está passando, quais as suas necessidades para aquele

período, e assim o docente terá mais clareza ao planejar as atividades, realizar as intervenções e direcionar as relações interpessoais em sala de aula, procurando sempre alternar entre o campo cognitivo e o afetivo.

Ribeiro (2009) aborda em seu artigo uma questão importantíssima, que na verdade deveria ser o ponto de partida ao pensar na prática pedagógica com base na afetividade, que é a formação afetiva do professor. A autora enfatiza a necessidade de uma formação de professores que contemple os aspectos humanos em sua integralidade, com fundamentos que envolvam razão, emoção, historicidade e cultura. A mesma considera que a falta de estudos relacionados à afetividade é um problema sério nos currículos de formação. No entanto a BNCC (2018), afirma um compromisso com a formação continuada dos professores e demais membros da equipe escolar, na busca de um realinhamento que contemple os objetivos propostos na regulamentação, a saber:

A primeira tarefa de responsabilidade direta da União será a revisão da formação inicial e continuada dos professores para alinhá-las à BNCC. A ação nacional será crucial nessa iniciativa, já que se trata da esfera que responde pela regulação do ensino superior, nível no qual se prepara grande parte desses profissionais. Diante das evidências sobre a relevância dos professores e demais membros da equipe escolar para o sucesso dos alunos, essa é uma ação fundamental para a implementação eficaz da BNCC (BNCC, 2018, p. 21).

Afetividade é um tema pouco discutido entre professores (OLIVEIRA, 2014), a palavra afetividade remete a carinho, afago e doçura, essa é a ideia que ainda prevalece entre muitos docentes, tanto pela falta de interesse, quanto pela omissão dessa temática nas formações pedagógicas. Porém faz-se cada dia mais necessário que o professor se aproprie desse conhecimento, tendo em vista que a realidade diária vivenciada em sala de aula exige do docente a gestão das relações, ele é o principal componente nessa condução.

O ambiente emocional da sala, os acordos de convivência, a reflexão sobre a ação, o auto avaliar-se, as mudanças de hábitos, o aprender a ouvir, o respeitar o

espaço do outro, as diferenças, a construção da autoimagem, tudo isso perpassa o trabalho do professor, por isso é imprescindível que o professor compreenda a importância de apropriar-se da afetividade tanto como ferramenta propulsora do aprendizado dos seus alunos quanto para o desenvolvimento das suas relações interpessoais fora do espaço de trabalho. Nesse sentido a BNCC, se compromete a fazer valer esse direito do aluno da Educação Básica:

Nesse contexto, a BNCC afirma, de maneira explícita, o seu compromisso com a educação integral. Reconhece, assim, que a Educação Básica deve visar à formação e ao desenvolvimento humano global, o que implica compreender a complexidade e a não linearidade desse desenvolvimento, rompendo com visões reducionistas que privilegiam ou a dimensão intelectual (cognitiva) ou a dimensão afetiva. Significa, ainda, assumir uma visão plural, singular e integral da criança, do adolescente, do jovem e do adulto – considerando-os como sujeitos de aprendizagem – e promover uma educação voltada ao seu acolhimento, reconhecimento e desenvolvimento pleno, nas suas singularidades e diversidades (BNCC, 2017, p. 14).

A expectativa diante dessa diretriz é que o profissional da educação seja capacitado e sensibilizado para atender da melhor forma possível o seu aluno, compreendendo que ele é o ator principal para validar o que foi determinado.

CONSIDERAÇÕES

Quando se iniciou o trabalho de pesquisa, constatou-se que, ainda hoje a ideia de dualismo está presente entre os profissionais da educação, levando muitos professores a enxergarem seus alunos como seres desconexos, separando o cognitivo do afetivo, principalmente pela formação deficiente de muitos cursos de licenciatura do país (FLORÊNCIO, 2018; OLIVEIRA, 2014). Sendo o professor o principal gerenciador das emoções na sala de aula, faz-se necessário fomentar nos espaços educacionais, discussões que possibilitem um novo olhar a respeito do homem como ser integral. Provavelmente esse seja o ponto principal para iniciar uma quebra de paradigmas em relação à dualidade nos espaços escolares, conduzir

o professor nessa transição de conceitos e exercício. Tassoni e Leite ressaltam essa necessidade ao final do seu artigo:

Ter consciência desses mecanismos possibilita ao professor uma reflexão mais criteriosa sobre sua prática pedagógica, bem como adquirir maiores condições de identificar sentimentos e emoções que podem inibir/travar os processos cognitivos, além de poder agir de maneira diferenciada diante de explosões emocionais que alteram negativamente o ambiente escolar (2013, p. 270).

Constatou-se que existe de fato, uma conexão real entre afetividade e aprendizagem, podendo haver alternância entre elas. Isso foi verificado na pesquisa realizada, através da análise da fala dos alunos:

Os comentários dos alunos do último ano da Educação Infantil abordaram ações concretas que os ajudavam, evidenciando-se um aspecto bastante tônico – falaram de ajudar com carinho, falaram de contato físico e destacaram a entonação da voz. Demonstrou-se que a afetividade manifestava-se e nutria-se, frequentemente, pela via corporal. (TASSONI; LEITE, 2013, p. 264).

Diante desses dados, considera-se que os próprios alunos afirmam com clareza a importância dos elementos que devem estar presentes numa relação de afetividade, como carinho, contato físico, entonação de voz, ou seja, presença intensa e concreta do professor em sala de aula.

Foi observado também, que a relação afetiva entre professor e aluno é de fundamental importância para garantir um ambiente emocional estável, que possibilite o pleno desenvolvimento afetivo deste, resultando na fluidez da aprendizagem, levando-se em conta que uma relação afetiva negativa, claramente trará resultados contrários de grandes proporções, confirmando assim, a hipótese inicial. No entanto, vale lembrar que é importante buscar um equilíbrio na dosagem da afetividade, para garantir a qualidade das relações, sem acarretar excesso ou falta de afeto.

Compreende-se que as ações positivas do professor podem potencializar o aluno, de forma apropriada para construir um campo afetivo favorável à sua

aprendizagem tendo em vista que é o comportamento docente, que contribui para estabelecer uma relação positiva com o aluno e que este é influenciado por essa relação.

A pesquisa realizada por Tassoni e Leite (2013) muito contribuiu para a realização deste artigo, pois apresentou o contexto escolar e suas sutilezas do ponto de vista dos alunos, elucidando de maneira concreta, caminhos que conduzem a uma nova perspectiva a respeito da afetividade e sua relação com o desenvolvimento cognitivo. Assim, parece ser pertinente a inserção de formações continuadas com essa temática, no meio acadêmico, fazendo valer a BNCC (2018), que garante ao docente uma capacitação ampla, buscando aprofundar o conhecimento do professor sobre afetividade, de que modo ele constrói sua relação afetiva com o aluno, com o aprender e com o outro.

Referências

BRASIL (2018). Base Nacional Comum Curricular. Ministério da Educação. Governo Federal. Brasília, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wp-content/uploads/2018/02/bncc-20dez-site.pdf>. Acesso em: 11 fev. 2019.

HOUAISS, A. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa* (2009), 33. Ed. São Paulo: Editora Objetiva, 2018. 518p.

FERREIRA, A. L.; ACIOLY-REGNIER, N. M. Contribuições de Henri Wallon à relação cognição e afetividade na educação. *Educ. rev.*, Curitiba, n. 36, p. 21-38, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/er/n36/a03n36.pdf>. Acesso em: 09 fev. 2019.

FLORÊNCIO, R. R. *Blog Etnolinguagens*, 2018. Disponibilizado em www.etnolinguagens.webnode.com. Acesso em: 20/04/2019.

LOOS-SANT'ANA, H.; BARBOSA, P. M. R. Dando voz às crianças: percepções acerca do papel da dimensão afetiva na atividade pedagógica. *Revista Brasileira Estudos Pedagogicos*, Brasília, v. 98, n. 249, p. 446-466, maio/ago. 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbeped/v98n249/2176-6681-rbeped-98-249-00446.pdf>. Acesso em: 05 fev. 2019.

LOOS-SANT'ANA, H.; GASPARIM, L. Investigando as interações em sala de aula: Wallon e as vinculações afetivas entre crianças de cinco anos. *Educação em Revista*, Belo Horizonte,

v. 29, n. 03, p.199-230, set. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/edur/v29n3/a09v29n3.pdf>. Acesso em: 05 fev. 2019.

MORIN, E. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. 13. ed. Rio de Janeiro: Cortez, 2003. 198p.

OLIVEIRA, M. S. M. *Gestão e Aprendizagem: evidenciando o pacto pela educação*. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF, 129f, 2014.

PEREIRA, M. Z. C. Currículo e autopoiese: um espaço vivo de construção do conhecimento. *Anais..* 30 Reunião anual da Anped, 07 a 10 de outubro de 2007. Disponível em: <http://www.anped.org.br/sites/default/files/qt12-3600-int.pdf>. Acesso em: 11 de fev. 2019.

RIBEIRO, M. L. A afetividade na relação educativa. *Estudos de Psicologia*, Campinas, v. 27, n. 3, p. 403-412, julho/setembro, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v27n3/12.pdf>. Acesso em: 5 fev. 2019.

SANT'ANA, R. S.; LOOS, H.; CEBULSKI, M. C. Afetividade, cognição e educação: ensaio acerca da demarcação de fronteiras entre os conceitos e a dificuldade de ser do homem. *Educar*, Curitiba, n. 36, p. 109-124, 2010. Editora UFPR, Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/er/n36/a09n36.pdf>. Acesso em: 11 fev. 2019.

SOUZA, M. T. C. C. As Relações entre Afetividade e Inteligência no Desenvolvimento Psicológico. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*. Brasília. v. 27, n. 2, p. 249-254, Abr-Jun, 2011.

TASSONI, E. C. M.; LEITE, S. A. S. Afetividade no processo de ensino-aprendizagem: as contribuições da teoria walloniana. *Educação*, Porto Alegre, v. 36, n. 2, p. 262-271, maio/ago. 2013. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/9584/9457>. Acesso em: 12 fev. 2019.

VASCONCELOS, M. S. Afetividade na escola: alternativas teóricas e práticas. *Educação e Sociedade*, Campinas, vol. 25, n. 87, p. 616-620, maio/ago, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v25n87/21472.pdf>. Acesso em: 09 fev. 2019.

WALLON, Henri. *As origens do caráter na criança*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1995. 232p.

Recebido: 06/06/2019

1ª Revisão: 18/10/2019

Aceite final: 12/01/2020